



Tradução

O SEGREDO DOS SEGREDOS DO PSEUDO- ARISTÓTELES, NA VERSÃO DE ROGÉRIO BACON

Introdução Geral

I. De acordo com o levantamento realizado por Charles B. Schmitt e Dilwyn Knox¹ há uma centena de obras atribuídas a Aristóteles que circulou na Europa Ocidental durante a Idade Média. De algumas delas tomou-se conhecimento por meio de um manuscrito apenas; de outras circularam uma centena de manuscritos, como é o caso do *Secretum Secretorum* (Segredo dos Segredos), extremamente popular e largamente difundido e sem dúvida o mais popular de todas.

Estas obras espúrias ou de origem suspeita tornaram-se conhecidas no Ocidente quando da transmissão e divulgação das obras genuínas de Aristóteles, a partir da metade do século XII até os fins do século XIII. Estas, constituindo uma verdadeira invasão², chegaram vindo do Oriente, através de vários centros de tradução - entre eles um dos mais importantes é Toledo - e apresentam-se aos estudiosos numa grande variedade de línguas: além da língua original, a grega, utilizada pela cultura bizantina, são conhecidas versões em siríaco, árabe, hebraico e latim; mais tarde aparecem também as versões em línguas vernáculas, como o alemão, francês, inglês e holandês³.

Não obstante a sua grande aceitação e difusão, o *SS*⁴ não parece ter gozado de muito prestígio entre os nomes de primeira linha da Escolástica, com exceção de Rogério Bacon que elaborou, e glosou, uma versão e em outras obras faz referência explícita e implícita à doutrina

¹ *Pseudo-Aristoteles Latinus*, a guide to Latin Works falsely attributed to Aristotle before 1500. London: The Wartburg Institute/University of London, 1985.

² Expressão usada por LIBERA, Alain de, *A Filosofia Medieval*. São Paulo, Edições Loyola, 1998, 14-17.

³ Cf. *Pseudo-Aristotle The Secret of Secrets. Sources and influences*. Edited by RYAN, W.F. and SCHMITT, Charles B. London: The Wartburg Institute/University of London, 1982. Cf., também, DODD, Bernard G. Aristotle in the Middle Ages. In: *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*. Edited by Normann, Anthony KENNY, Jan PINBORG. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 43-80..

⁴ Essa abreviação será usada a partir de agora para indicar o *Segredo dos Segredos*.

nela encontrada.⁵ Além disso, raras são as referências e mais raras, ainda, as citações do texto do SS. Há autores que fazem referências, por exemplo São Tomas parece mirar o texto na sua *De Rego – ad Regem Cypri* (Sobre o Reino – para o Rei do Chipre)⁶, no capítulo VIII, quando critica a procura da honra e a recompensa por parte do Príncipe como o fim supremo do governo, tese defendida pelo SS. Também em outros autores que escrevem sobre a política⁷ há alusões a trechos do SS, mas não citações explícitas e identificadas. Por que este silêncio por parte dos meios instruídos? Suspeita-se que a razão deste fato deva ser procurada num ar de condenação que paira velado e abertamente sobre o texto, seja de origem oficial, seja pessoal, dependendo do ponto de vista de copistas, que avaliam a importância e até a ortodoxia de certas partes:

Parece aos nossos olhos provável que os escribas, ou antes os escolares que fizeram copiar a obra suprimiram o que lhes parecia fora de propósito e mesmo chocante numa obra de política moral atribuída a Aristóteles. Devemos notar que estes capítulos não foram perdidos para todo mundo, porque eles são encontrados, de forma isolada, em coleções de alquimia.⁸

Uma outra explicação deve ser procurada no caráter eminentemente prático do SS, com suas descrições como o bom rei deve proceder; entretanto, os elementos teóricos, como, por exemplo, a relação e a ligação que existem entre a Realeza e o Intelecto⁹ perdem longe dos conselhos práticos.

Nesta luz é interessante o que é afirmado na Introdução à edição alemã do SS (1282) da freira Hiltgart: que o objetivo principal parece ter sido em primeiro lugar – além de cuidar da salvação eterna das almas -

⁵ Entre outras, na famosa *De Scientia Experimentalis* (A Ciência experimental), a sexta parte de seu *Opus Maior*, num capítulo s/n, logo depois do Capítulo XII, no Exemplo II. (Rogério Bacon, *Obras escolhidas*, Introdução de Jan G. ter Reegen, Tradução de Jan G. ter Reegen, Luis A. de Boni e Orlando Bernardi; Coleção Pensamento Franciscano, v.VIII, Porto Alegre/Bragança Paulista: EDIPUCRS/EDUSF, 2006, p. 136).

⁶ TOMAS DE AQUINO, *Escritos Políticos*. Petrópolis.. Vozes, p. 142-245.

⁷ Por exemplo: Egídio Romano e Marsílio de Pádua.

⁸ Cf. D'ALVERNY, M.-Th. *Conclusion*. In: W.F. Ryan and Ch.B. Schmitt, o.c., 134.

⁹ A edição árabe fala da relação entre Realeza e Justiça: *Um rei justo é melhor do que uma chuva geral e continua. E numa em pedras foi encontrado na língua síriaca que rei e justiça são mutuamente indispensáveis*. In: *Secretum Secretorum* cum glossis eet notulis. Tractatus brevis et utilis ad declarandum quedam obscura dicta FRATRIS ROGERI. Unc primum edidit Robert Steele, accedunt versio anglicana ex arábico perr A.S. Fulton . Versio Vetusta anglo-normaniza nunc primum edita. Oxonii, E Typographeo Clarendiano, MCMXX, p. 224.

“[...] participar ao homem todos os valores do saber que lhe possibilitem conduzir a sua vida neste mundo com sucesso”, e “o homem deve ser entendido em primeiro lugar como o soberano”¹⁰.

II. Por que o sucesso e a aceitação enorme do SS ? Deve ser procurado na extraordinária variedade dos assuntos nele tratados, que faz dizer que nas suas linhas é apresentado “de omnibus fere scientiis aliquid utile”¹¹. A obra apresenta-se como um aglomerado de conselhos político-práticos que na sua grande maioria são atribuídos a Aristóteles, que os teria, a pedido, enviado a Alexandre durante a sua aventura de conquista do Oriente Médio. Há, também, alguns trechos de caráter filosófico, tanto de natureza neoplatônica – mormente nos capítulos 59-64 em que se apresenta o tema que tudo procede de Deus -, como também, em vários lugares, de natureza hermética, entre outros a famosa *Tabula Smaragdina*, que começa com a invocação de “[...] pater noster Hermogenes qui triplex est in philosophia [...]”.¹² Além disso, a obra é aumentada com extensas digressões e exposições não só de conselhos sanitários – a famosa parte que é anunciada como “Regime de Saúde”¹³, mas também curtos tratados sobre pedras e sua influência mágica, sobre alquimia, como a fabricação do “ovo” dos filósofos¹⁴, e sobre fisionomia. Junto com a alquimia aparecem também trechos em que se fala de astrologia e magia. Afinal, o SS apresenta-se como uma espécie de enciclopédia, que se tornou extremamente popular¹⁵.

¹⁰ HILTGART VON HÜRNHEIM, *Mittelhochdeutsche Prosaübersetzung des "Secretum Secretorum"*. Herausgegeben von Reinhold Möller, Akademie-Verlag, Berlin, 1963.

¹¹ HILTGART VON HÜRNHEIM, o.c. p. XV. (Tradução: *de quase todas as ciências contem algo útil*)

¹² Cf. TER REEGEN, Jan G.J., *O Hermetismo no "Segredo dos Segredos" do Pseudo-Aristóteles*. Em: *A Filosofia Medieval no Brasil. Persistência e Resistência*. Organizador: Marcos Roberto Nunes Costa. RECIFE: Printer, 2006, p. 113-134..

¹³ Na edição de Rogério Bacon: *Incipiunt capitula partis secunde. Capitulum primum partis secunde est de conservacione sanitatis et ortu scienciarum [...] Capitulum .4. De hiis quopertinent ad regimen sanitatis post sompnum nocturnum ante horam preparacionis ac cibum somendum [...], o.c. L. II, cap. 4, p. 68.*

¹⁴ Deste “ovo” Bacon também fala na sua obra “*Os Segredos da arte a da natureza*”. Obras escolhidas, p. 181, enquanto da magia fala no mesmo texto nas páginas 162-169.

¹⁵ Esta popularidade também se manifesta nas várias edições de resumos e versões abreviadas, tanto em prosa como em poesia. Estas edições e versões circulam em latim e em línguas vernáculas. Um exemplo pode ser encontrado na Revista *Ágora Filosófica*, A “*Carta sobre o regime de saúde*” do Pseudo-Aristóteles ao Alexandre, colocada em versos por um certo Nicolau. Trad., introd., e comentários de Jan G.J. ter Reegen, Recife: ano 5, n. 2, jul./dez. 2005, p. 63-76.

III. Mas qual a origem e a data da composição do SS? Para chegar à(s) sua(s) forma(s) atual(ais) o SS percorreu um longo caminho. Mas, ao redor dos anos 850 já se encontra pronto, aquilo que pode ser chamado a edição original ou básico do SS, intitulado em árabe *O Livro da Política sobre a maneira de governar, conhecido sob o nome de Segredo dos Segredos*, o famoso *Sir-al-Asrar*, e em que está reunida a maioria dos assuntos apresentados em fontes de origem diferente¹⁶. Conforme a lenda contada no assim chamado *Segundo Prólogo*, o texto foi encontrado num templo antigo, onde viviam no passado muitos sábios e filósofos, e, em seguida traduzido do grego em caldeu, e depois em árabe. Seja como for, a partir deste momento o SS começa a circular, recebendo uma grande variedade de acréscimos que obscurecem um pouco a sua natureza inicial.

IV. Desde cedo circulam duas versões do SS:

A *Redação Curta*, também chamada A, que é composta de sete ou oito livros (Capítulos ou Discursos) e que é encontrada em manuscritos árabes, nas traduções em hebraico e na tradução espanhola, *Poridat de las Poridades*¹⁷, e na versão russa;

A *Redação Longa*, ou B, dividida em 10 livros e que é representada na maioria dos manuscritos árabes e que deu origem à famosa tradução latina de Felipe de Trípoli, que entre outros está na base da versão de Rogério Bacon.

Trata-se neste caso de duas versões que se originam de uma fonte comum, por isso versão curta, SS/A, não pode ser reduzido a uma abreviação do SS/B. A versão curta espalha-se na Ocidente, especialmente a parte que fala da saúde¹⁸, a partir da tradução elaborada, entre 1135 e 1142, por João Hispalense¹⁹. Depois de 1235, a versão SS/A é totalmente

¹⁶ O processo foi influenciado, para não dizer determinado, por uma série de influências ligadas a acontecimentos como a expulsão dos filósofos pagãos de Alexandria e sua fuga para Síria, à expansão dos árabes no mundo de então através das guerras de conquista – sobretudo no Oriente Próximo –, e ao interesse dos árabes pela ciência grega.

¹⁷ SEUDO-ARISTOTELES, *Poridat de las Poridades*. Edición de Lloyd A. Kasten. Madrid: 1957.

¹⁸ *Carta de Aristóteles ao Alexandre sobre o Regime de Saúde*.

¹⁹ A respeito desta figura misteriosa, cf. BURNETT, Charles, John of Seville and John of Spain. *A mise au point*. Bulletin de la Philosophie Médiévale, édité par la S.I.E.P.M., 44e année. Brepols, University of Notre Dame (USA; Katholieke Universiteit Leuven (B)), 2002, p. 78.

eclipsada pela versão em latim da edição Longa (B), elaborada por Felipe de Trípoli²⁰, e pela edição reformulada e comentada de Rogério Bacon.

V. Sem dúvida o SS, sobretudo na edição longa, tem exercido uma grande influência sobre o homem da Idade Média – que não deve ser considerado como um simples “semi-sábio” mas sim um letrado com profunda formação clássica, e ávido para aumentar os seus conhecimentos - embora seja difícil, por falta de estudos e pesquisas mais profundos e pormenorizados determinar a abrangência e profundidade desta influência.

TRADUÇÃO DO PRIMEIRO LIVRO, A PARTIR DO SEGUNDO CAPÍTULO²¹

Capítulo segundo (sobre o prólogo) de João, que traduziu duas vezes o livro, e sobre a descoberta do livro²²

João, filho de Patrício, peritíssimo e fidelíssimo intérprete de línguas, que traduziu este livro, disse: Não deixei de visitar nem lugar nem templo em que os filósofos estavam acostumados a escrever e guardar suas obras secretas, nem deixei de contactar qualquer sábio que acreditava dispor de alguma notícia sobre os escritos filosóficos, até que cheguei ao oráculo do Sol, que Esculapides construiu para si. Nele encontrei um homem solitário, abstinente, estudioso peritíssimo em filosofia, de carácter excelentíssimo, a quem me submeti enquanto pude, a quem servi atenciosamente e a quem supliquei piedosamente que me mostrasse os escritos secretos deste oráculo. De bom grado ele me entregou estes escritos.

E entre outras, encontrei a obra que procurava e que foi a razão que fez (os filósofos) virem àquele lugar e nele trabalharam durante longuíssimo tempo. Obtido o livro, voltei alegre para casa, enquanto rendia de muitas formas graças ao Criador. E, a pedido do ilustríssimo rei, trabalhei estudando²³, e traduzi o livro, primeiro do grego em caldeu, e desta língua em árabe. Antes de tudo, porém, traduzi o livro do mui

²⁰ Cf. WILLIAMS, Steve J. *The Secrets f Secrets: the scolarly Career of a Pseudo-Aristotelian Text in the Latin Middle Ages*. Michigan: The University of Michigan, 2003.

²¹ O Prólogo e o primeiro capítulo serão publicados, em breve, no meu estudo sobre *Pseudo-Aristóteles*. Uma tradução completa da versão de Rogério Bacon está em fase de preparação para publicação.

²² A partir deste lugar as notas ao pé da pagina referem-se às glosas e observações feitas por Rogério Bacon, comentando o texto do SS.

²³ Em estudos

perito Aristóteles, do modo que o encontrei no códice, e em que ele responde ao pedido do rei Alexandre desta maneira.

O capítulo terceiro é a carta de Aristóteles enviada a pedido de Alexandre em que começa a dar, desta forma, satisfação a Alexandre que dele se queixa; e sobre a utilidade do livro citado e sobre o que causa um forte desejo em qualquer coisa

Ó filho gloriosíssimo, imperador justíssimo, que Deus te confirme no caminho do conhecimento e na vereda da verdade e da virtude, e que reprima as inclinações bestiais, e que fortifique o teu reino, ilumine o teu caráter para seu serviço e sua honra. Recebi honrosamente, como deve ser, a tua carta, e entendi plenamente o quanto tu desejas que a minha pessoa esteja contigo, espantado como posso estar afastado de ti, e censurando-me que eu estou pouco cuidando de tuas coisas.

Em razão disso, então, firmei o propósito e me apressei em fazer para tua clemência uma regra, que será para ti como uma medida para ponderar todas as tuas obras, fazendo as minhas vezes, e uma regra certíssima para tudo que quiseses, e que te mostrará esta regra como se eu estivesse presente. Não deverás, então, acusar-me porque sabes, ou deverias saber, que não é por desprezo que não vou para a tua clemência e claríssima glória, mas porque o peso da minha idade e a debilidade do meu corpo me atacaram e me fizeram pesado e sem condições de ir. Além disso, o que estas pedindo e desejas saber pertence ao mistério, de tal modo que a inteligência do homem com dificuldade pode suportá-lo; de que modo, então, podem estas coisas ser escritas em mortais peles? A respeito daquilo, porém, que te é necessário investigar e que para mim é lícito tratar, devo e tenho como obrigação de responder, como é tua obrigação - em razão da discricção - não exigir maiores detalhes sobre este segredo que te passarei neste livro. Porque se leres atenta e estudiosamente e compreenderes e souberes plenamente o que nele está contido, creio, sem dúvida, que entre ti e aquilo que desejas saber não haverá nenhum obstáculo: porque Deus te deu muita graça no intelecto e na velocidade da imaginação e na instrução das ciências. Além disso, pela minha doutrina anterior que te passei, poderás apreender por ti mesmo e compreender por figuras tudo aquilo que é preciso ser ensinado. Que o desejo da tua vontade ardente te abra a caminho à realização de teu desejo, e te conduza ao objetivo desejado, com o beneplácito do Senhor (*Domino concedente*).

Capítulo sobre aquelas coisas que um rei deve possuir para sustentar o seu reino, e sobre as causas de um bom governo e sobre a razão de esconder os segredos por meio de verbas enigmáticas; e é o quarto capítulo

Há uma razão pela qual te revelo o meu segredo, falando por meio de exemplos enigmáticos e sinais, porque estou com muito medo que este livro caia nas mãos de infiéis e no poder de arrogantes, e que desta forma chegue a estes o último bom e divino segredo, para qual o Sumo Deus os julgava indignos e sem mérito. Então, neste caso eu seria o transgressor da graça divina e uma pessoa que quebra a revelação. Por isso, revelo-te, com o atestado do juízo divino, este segredo do modo que me foi revelado. Saiba, entretanto, que àquele que revela o que está oculta aos indignos manifesta-lhes os segredos, acontecerão no futuro infortúnio, e, por isto, não poderá ficar guardado de possíveis e futuros males. Que o Senhor te proteja de semelhante ação e de qualquer obra desonesta. Depois de tudo isto, chama de novo à tua memória este documento mui salutar, que sempre fui acostumado de te expor e de informar a tua mui nobre alma, e isto será tua consolação prometida e uma proteção salutar.

Então, qualquer rei deve ter, necessariamente, dois apoios para sustentar o seu reino. Um deles é a força dos homens com que reforça e fortalece o seu reino, e só terá este apoio, se for reto nas coisas retas e reine como um rei sobre os seus súditos, e se estes mesmos súditos obedecerem de forma uniforme ao seu rei; assim como o poder daquele que domina e reina se enfraquece e é diminuído pela desobediência dos súditos, e os súditos reinarão. E eu lhe mostrarei a razão por que e em virtude de que os súditos são induzidos a obedecer aos reis. A razão, pois, é dupla, uma é intrínseca, a outra extrínseca. Declarar-te-ei a extrínseca, a saber, como um rei deve distribuir aos súditos as suas riquezas de forma sábia, e sobre elas exercer a sua generosidade, retribuindo a cada um conforme os seus méritos. Mas, nisto tudo o rei deve ter alguma cautela, de que falarei em seguida, isto é, no capítulo sobre as riquezas e as ajudas. O segundo apoio é induzir as vontades a obras lícitas, e isto é fundamental e ocupa o primeiro lugar. E este segundo apoio tem duas causas, uma intrínseca, outra extrínseca. A extrínseca é a maneira em que o rei exerce a justiça em relação às propriedades e ao dinheiro conseguido de seus súditos, poupando e se compadecendo. A causa intrínseca, entretanto, é o conselho secreto dos antigos filósofos e justos, que o Deus glorioso escolheu e aos quais confiou a sua sabedoria. E eu te confio este segredo com alguns outros

que são encontrados nos diversos capítulos ou títulos deste livro. Nestes podes encontrar, exteriormente, a filosofia e a doutrina máxima, interiormente, porém, contem a causa final que é almejada, porque aqui está, em sua totalidade, o propósito final e principal. Quando, então, captares o significado dos segredos e os enigmas dos exemplos, conseguirás de fato de forma plena e perfeita o desejado propósito. Deus, sapientíssimo e gloriosíssimo, iluminará a tua razão e esclarecerá a tua inteligência para entender o conteúdo desta ciência de tal forma que mereças gozar nela o fruto da verdade, e que te tornes meu herdeiro e sucessor fiel, com a ajuda do próprio Deus, que distribui abundantemente as suas riquezas nas almas dos sábios, e concede aos que estudam a graça do conhecimento, para quem nada é difícil, nada impossível aos que estudam, e sem o qual é impossível possuir algo (ou ser possuído)

Capítulo quinto sobre os reis e seus vícios em relação à generosidade e à avareza, ou sobre quatro maneiras de ser rei

Há quatro tipos de reis: o réu generoso para si mesmo e também para seus súditos, e o rei avaro para si mesmo e para com seus súditos, e o rei avaro para consigo mesmo e generoso para os súditos, e o rei generoso para si mesmo e avaro para com seus súditos. Os habitantes da Itália se expressaram assim: não existe vício no rei se ele for avaro consigo mesmo e generoso com seus súditos. Os da Índia, entretanto, disseram que quem é avaro consigo mesmo e com seus súditos é bom. Mas os Persas afirmando o contrário e contradizendo os da Itália e da Índia, disseram que um rei que não é generoso para si e seus súditos não vale nada. Mas, entre todos, a meu ver, o pior, e que deve ser reprovado merecidamente, é aquele rei, que é generoso para si mesmo e avaro para os seus súditos, porque seu reino será rapidamente destruído.

Desta maneira é preciso que de maneira sutil nos informemos sobre estas virtudes e estes vícios, e que mostremos o que é generosidade e o que é avareza, e onde está o erro da generosidade, e qual o mal que é consequência do desinteresse pela generosidade. Também é notório que qualidades, quando estão muito distantes da média, devem ser muito reprovadas. E sabemos que a observância da generosidade é muito difícil e sua transgressão fácil. E para qualquer um é difícil praticar a avareza e a prodigalidade, e difícil conter a generosidade. Se quiseres adquirir a virtude da generosidade, olha para tuas posses, e os tempos de necessidade, e os méritos dos homens. Deves, pois, distribuir as tuas

posses conforme tua possibilidade e com moderação a homens indigentes e dignos. Quem, porém, der de outra maneira peca, e transgride a regra da generosidade: porque quem distribui com generosidade os seus bens àqueles que não precisam, não adquire louvor, e o que for dado a indignos, se perde. E quem gasta além da medida as suas riquezas, rapidamente chegará às margens amargas da pobreza, e será semelhante àquele que de graça dá a vitória aos seus inimigos.

Quem, porém, dá de seus bens aos homens indigentes em tempo de necessidade, tal rei é generoso consigo mesmo e com seus súditos, e seu reino prosperará, e sua lei será observada. Os antigos louvaram um rei deste tipo, e ele é chamado virtuoso, generoso e moderado. Quem, porém, gasta os bens de seu reino sem moderação ou sem ordem, e quem dá aos indignos e não aos indigentes, este é um devastador dos interesses públicos, um destruidor do reino, indigno e incompetente para o governo. Por isso será chamado gastador, pelo fato de a providência passar longe de seu reino.

O apelido de avaro desonra muito um rei e não é conveniente à sua majestade. Se, por isso, ele tiver um ou outro destes vícios, a saber, a avareza ou a ganância, se quiser se aconselhar, então deve com o máximo cuidado providenciar um homem fiel, discreto e escolhido entre muitos, a quem deve confiar as coisas públicas para gerí-las, e as riquezas do reino para governá-las.

Capítulo sexto ainda sobre as coisas que pertencem à generosidade e ao declínio da prodigalidade, e sobre a avareza

Ó Alexandre, digo-te, com firmeza, que qualquer rei que continua fazer doações de forma supérflua, além da capacidade do seu reino, tal rei, sem dúvida nenhuma, será destruído, e será um destruidor. Repito, pois, o que nunca deixei de dizer à tua clemência, que o declínio da prodigalidade e da avareza e a aquisição da generosidade são a glória dos reis e a perenidade dos reinos. E isto acontece, quando o rei se abstém e retira sua mão dos bens e das propriedades de seus súditos. Por isto, encontra-se escrito nos preceitos do grande doutor Hermógenes que a suma e verdadeira bondade e clareza do intelecto e a plenitude da lei e o sinal da perfeição estão no respeito do rei para com o dinheiro e as propriedades de seus súditos.

Qual foi a causa da destruição do reino dos Caldeus? Não foi o fato que a exuberância de suas despesas superava os rendimentos das cidades

e, assim, faltando recursos e desembolsos os reis estenderam as suas mãos às propriedades e aos rendimentos dos outros? Os súditos, então, por causa da injustiça clamavam a Deus excelso e glorioso, que mandando um vento muito forte destruiu-os de forma muito violento. E o povo se insurgiu contra eles e o nome deles foi totalmente varrido da terra. E se Deus glorioso não tivesse os ajudado, e não tivesse mandado o remédio que mandou, e se não tivesse acalmado o vento, aquele reino teria sido totalmente destruído.

Saibas, por isso, que as riquezas são causa da duração do reino e da vida da alma, e elas fazem parte da própria vida e a alma não consegue perdurar se tal causa for destruída. Por isso, deve se ter muito cuidado com a exuberância e a superabundância. Para que se adquira temperança e prodigalidade, devem ser evitadas doações impensadas e supérfluas. E pertence à substância da prodigalidade e da virtude perdoar ofensas, e não procurar o que esta escondido nos segredos, nem reduzir os donativos para ser lembrado.

Da mesma forma pertence às coisas boas e à substância das virtudes remunerar os méritos²⁴, perdoar a injúria, honrar os que possuem honra, venerar os que são veneráveis, ajudar os simples, suprir as privações dos inocentes, responder àqueles que saúdam, dominar a língua, dissimular a injúria conforme o tempo, ignorar e fugir²⁵ da loucura dos tolos.

Então, eu te ensinei o que sempre acostumava ensinar e implantar em teu peito: por isso nutro confiança que este documento será em teus caminhos e trabalhos sempre uma luz que clareia e suficiente para a ciência em relação ao teu governo, para todo o tempo de tua vida. Em verdade, eu te anuncio a sabedoria abreviada da filosofia. E se nunca tivesse dito (ou dado) outra coisa que o seguinte documento, isto deveria ser suficiente para todas as suas obras neste século e no futuro.

Capítulo 7 sobre o intelecto e sobre a conquista da boa fama, que é o objetivo do governo

Saibas, também, que o intelecto é a cabeça do governo, a salvação da alma, o conservador das virtudes, o vigia dos vícios: nele observamos de que devemos fugir, por meio dele escolhemos o que deve ser

²⁴ Eméritos são os idosos de comprovada virtude.

²⁵ Outra forma: fingir.

escolhido: é ele a origem das virtudes e a raiz de todas as coisas boas, louváveis e honoráveis.

E o primeiro instrumento do intelecto é o desejo de uma boa fama, porque aquele que verdadeiramente deseja a boa fama será famoso e glorioso, mas quem a deseja fingidamente, será perturbado pela infâmia. A fama é, portanto, o que se deseja no governo em primeiro lugar e por si, porque o governo não é desejado por si, mas por causa da boa fama. O início, então, da sabedoria e do intelecto é o desejo da boa fama, que se adquire pelo governo e pelo domínio. Se, porém, por outra razão são adquiridos (ou desejados) o intelecto e a boa fama, não será aquisição da boa fama, mas da despeito.

A inveja, por sua vez, gera a mendicância, que é a raiz e a matéria de coisas reprováveis e de vícios. A mendicância gera a mentira; a mentira gera o ódio; o ódio, por sua vez, gera a ofensa: a ofensa gera a obstinação: a obstinação gera a irascibilidade: a irascibilidade gera a desarmonia: a desarmonia gera a inimizade: a inimizade gera a guerra, a guerra, de certo, dissolve a lei e destrói as cidades; e isto é contra a natureza. E o que é contra a natureza destrói toda a estrutura do estado e o corpo.

Por isso, estuda e ama o desejo da boa fama, porque a consideração da boa fama, como também o interesse pelo desejo da boa fama estimula a verdade. E a verdade é a raiz das coisas louváveis e a matéria de tudo que é bom, porque é o oposto da mentira, e gera o desejo de justiça. A justiça gera a confiança; a confiança a generosidade, a generosidade estabelece familiaridade; a familiaridade gera amizade, a amizade gera conselho e ajuda. Por meio de tudo isto o mundo foi constituído e também as leis dos homens, e por esta razão convêm à natureza. É claro, portanto que o desejo do governo por causa da boa fama é um bem durável e louvável.

Capítulo: 8. sobre os males que vem do apetite carnal

Ó Alexandre declina²⁶ os impulsos dos prazeres bestiais, porque elas são corruptíveis. Os apetites carnis, pois, inclinam²⁷ o animo aos desejos corruptíveis da alma bestial, que possui nenhuma discrição, e por causa deles o corpo corruptível se alegra, mas o intelecto incorruptível se

²⁶ Isto é: reprime em tudo o apetite.

²⁷ Isto é, provocam.

entristece. Deve-se saber que os impulsos da volúpia geram o amor carnal: o amor carnal, por sua vez, gera a avareza, a avareza gera o desejo por riquezas, o desejo por riquezas gera a falta de vergonha, a falta de vergonha a presunção, a presunção a infidelidade, a infidelidade o roubo, o roubo a exprobação, e dela nasce a escravidão²⁸ que conduz ao prejuízo da lei e à destruição da familiaridade e à ruína de toda obra, e isto é contrário à natureza.

Capítulo .9. sobre a sabedoria e a religiosidade do rei, e sobre a intenção final que deve possuir.

Em primeiro lugar e de modo principal é conveniente ao rei, em relação consigo mesmo, que a fama de seu nome seja divulgada numa louvável sabedoria, e que com seus homens pondere de forma sábia, porque por isso será louvado, honrado, e respeitado pelos homens, ao verem que ele é eloqüente na sua sabedoria e que age com prudência nas suas obras. Além disso, pode-se saber, e apreender por outros sinais, se no rei domina a sabedoria ou a tolice, porque qualquer rei que coloca seu reino sob a lei divina é digno de reinar e de ser senhor de modo honroso. Quem, entretanto, dispõe a lei de Deus para escravidão, submetendo-a a seu reino e império, é um transgressor da verdade e um menosprezador da lei divina. Quem, pois, despreza a lei divina, será desprezado pelos homens que vivem sob a lei, porque ele será condenado na lei.²⁹

Sobre a religiosidade do Rei.

Repito o que os sábios filósofos e os que falam com divina inspiração disseram, que antes de tudo convêm à majestade real se sujeitar às instituições legais, não numa aparência fingida, mas numa verdadeira e firme evidência, para que todos aprendam a temer o próprio Deus excelso, e a se sujeitar à divina potência. Neste caso os homens se acostumam a reverenciar e a temer o rei, quando vêem que este mesmo teme e reverencia a Deus. Se, entretanto, se mostrar religioso somente na aparência, mas nas obras é (um maldizente ou) um malfeitor; quando for difícil ocultar obras condenáveis e ignorá-las diante do povo, então ele será reprovado por Deus e desprezado pelos homens; a sua fama e seus feitos serão desacreditados, o seu reino diminuirá, o diadema de sua

²⁸ Da mente, a saber, e da fama.

²⁹ A saber, de Deus.

glória carecerá de honra. Que mais poderia dizer? Não há preço, não há tesouro que possa lhe resgatar a boa fama.

Capítulo: 10 sobre a homenagem dos homens religiosos e dos sábios, e sobre a providência e a piedade e a mansidão e a discrição

Além disso, convém que o rei honre os legisladores, venere os religiosos, exalte os sábios; ele deve caminhar com eles, levantar questões que contêm dúvidas, interrogar honestamente, responder discretamente, honrar mais os mais sábios e os mais nobres de acordo com a situação de cada um.

Sobre a providência do rei.

Também é necessário que o rei pense nas coisas futuras e previna com providência casos futuros, para que possa suportar mais facilmente as adversidades.

Sobre a devoção do rei, sua mansidão e discrição.

É conveniente, também, que o rei tenha devoção, que retenha a ira e o movimento do ânimo³⁰, para que uma comoção repentina não proceda para um ato sem deliberação. É bom que o rei reconheça, de forma racional, o seu erro e o revogue de modo sábio, porque a máxima sabedoria de um rei está em reinar sobre si mesmo. Quando, então, o rei vê algo bom ou útil que deve ser feito, que o faça com discrição, nem lento nem rápido demais, para que não pareça impetuoso ou omissivo.

Capítulo: 11 sobre os trajes e a prerrogativa do rei e sobre a abstinência da loquacidade e o convívio com os súditos

Convém muito que o rei se vista com honrosa dignidade, e sempre com um belo aparato, e que ele ultrapasse os outros em elegância. Por isto, deve usar ornamentos externos caros e belos. Também é desejável que o rei supere todos os outros em qualquer prerrogativa, para que destarte a sua dignidade real resplandeça, o seu poder não seja ferida, e que lhe seja prestada a devida reverência. O rei deve ser, também, eloqüente, afável, possuir uma voz clara, que é de muita utilidade em tempo de batalhas para exortar e excitar o exército.

³⁰ Isto é, reprime

Sobre a abstinência do rei na loquacidade.

Ó Alexandre, como é belo e louvável para um rei abster-se de loquacidade, se as circunstâncias não a exigirem. Porque é melhor que os ouvidos dos homens sempre estejam sedentos dos discursos do rei do que estarem saturados de suas palavras, porque a alma se satura por causa dos ouvidos saturados, e então não ouvirão com prazer um rei que satura³¹.

Sobre a abstinência do rei do convívio com os súditos

Deve o rei, também, abster-se e não muito frequentemente procurar o convívio com os súditos e, sobretudo, com pessoas comuns; porque familiaridade em demasia com os homens causa desprezo de honra.

Capítulo: 12 sobre um ótimo costume dos reis das Índia, a saber, sobre a sua rara aparição diante da multidão, e que em tal ocasião devem ser realizadas coisas magníficas

E por isto é bonito o costume dos Indianos na administração do reino e no governo do rei: eles estabeleceram que uma vez por ano o rei deva aparecer com todo o aparato real diante dos homens e do exército armado, sentado no seu cavalo de guerra, de forma mui nobre, embelezado com o belíssimo ornamento das armas, e eles fazem o povo ficar um pouco à distância, enquanto os nobres e os barões ficam ao redor do rei. Naquela ocasião este acostuma resolver questões difíceis, proclamar decisões sobre vários acontecimentos antigos, mostrar cuidado e dedicação com que fielmente trata da coisa pública. Acostuma, neste dia, distribuir dádivas, e libertar da prisão os menos culpados, e aliviar os encargos mais pesados, e executar muitas obras piedosas.

Terminado o seu discurso, o rei senta-se e imediatamente levanta-se um dos principais conselheiros, que é considerado mais sábio e eloqüente do que os outros, e que não se poupará para a honra e a estima e o mandato do rei, dando graças ao Deus glorioso, que tão bem organizou o reino dos Indianos que premiou a pátria com um rei tão sábio, que fortificou o louvável povo dos Indianos, reunido, obediente e de um espírito. E depois dos louvores a Deus e das recomendações reais, volta-se para o louvor do povo, enumerando seus bons costumes, captando a sua benevolência, induzindo-o com exemplos e argumentos a

³¹ Isto é, loquaz e tagarelo.

humildade e a obediência e a reverência e a amor ao rei. Isto feito, todo o povo dedicar-se-á a difundir o louvor ao rei, a apreciar as suas boas obras, dirigindo preces a Deus pela vida do rei, e a contar na cidade e nas famílias os feitos e a sabedoria do rei. E por isso ensinam aos seus filhos desde pequenos e induzem-nos ao amor e à honra para com o rei, como também à obediência e ao temor. Sobretudo desta maneira, portanto, cresce e torna-se publica a fama do rei, tanto secreta como abertamente.

Sobre a justiça do rei.

Também tinha o rei o costume de punir neste tempo os malfeitores e os homens criminosos e tirá-los do meio, para que aos usurpadores seja fechado o caminho para prejudicar, e para que os outros sejam corrigidos. Neste dia é costume aliviar os impostos, e repartí-los com os mercadores, remitir-lhes uma parte dos pagamentos, defender e protegê-los diligentemente junto com seus rendimentos. Eis a razão porque a Índia é muito populosa: para cá concorrem mercadores de qualquer lugar, aqui são bem recebidos, e ricos e pobres, cidadãos e estrangeiros ganham muito bem. Isto é também a razão de aumento dos tributos reais e dos rendimentos.

Consequentemente, deve se ter cuidado para não ofender ou injuriar os mercadores; porque eles são os autores do louvor, levando a fama dos homens pelo mundo inteiro. A cada um, então, deve ser dado o que é dele, porque desta forma também as cidades são protegidas e os seus lucros multiplicados, e deste modo os reinos do rei crescem em honra e em glória, assim tremem e são reprimidos os inimigos, assim o rei vive seguro e em paz.

***Capítulo: 13 sobre o apetite e a vontade final do rei,
e sobre a castidade e sobre o evitar do coito***

Ó Alexandre não queira apeteer o que é corruptível e transitório e o que seu dever saber deixar de lado: gera as riquezas incorruptíveis, a vida imutável, a vida eterna, a durabilidade gloriosa. Dirige, então, os teus pensamentos sempre para o bem, faze-te viril e glorioso, evita os caminhos bestiais³², e dos leões³³, e as imundícias³⁴ dos porcos, não queiras ser cruel, mas flexível para salvar aqueles sobre os quais foste vitorioso. Pensa nos casos futuros, porque não sabes o que o dia futuro

³² Isto é: os costumes de homens bestiais.

³³ Isto é: cruéis e soberbos.

³⁴ Isto é, dissolutos e gulosos, que são comparados aos porcos.

gerará. Não faz realidade teus desejos da comida, da bebida, do coito, e do sono diurno.

Sobre a castidade do rei.

Imperador clemente, não queiras te inclinar ao coito com mulheres, porque o coito é uma espécie de qualidade dos porcos. Qual glória te espera se exerceres um vício de animais irracionais e atos de estúpidos? Acredita em mim, sem duvidar, que o coito signifique a corrupção das virtudes e o encurtamento da vida e a destruição do corpo, a transgressão da lei, que gera costumes femininos e, por último, conduz ao mal de que falamos.³⁵

Capítulo .14. sobre o conforto do rei e sobre a modéstia na aparência e no riso, e sobre os instrumentos musicais que devem ser ouvidos, sobre a sua discricção, e sobre a máxima cautela na inquisição de coisas secretas.

A majestade imperial deve possuir amigos particulares com que, quando se sente entediado, se diverte com vários instrumentos e tipos de órgãos,. Porque a alma humana sente de forma natural prazer nestas coisas, os sentidos acalmam-se, a curiosidade e a ansiedade desaparecem, e o corpo inteiro é revigorado. Se, então, em tais coisas queres te deleitar, persiste nesta vida por mais três ou quatro dias, conforme te parecer conveniente e sempre melhor e mais virtuoso, mas que isto seja feita de forma privada.

Sobre a máxima cautela na investigação de coisas secretas.

Quando, então, estiveres confortável, abstenha-te de bebida, e permita que os outros bebam à vontade, e finge que estás quente por causa do vinho, porque desta forma poderás ouvir e perceber muitos segredos; que isto não aconteça muito freqüente, mas umas duas ou três vezes por ano. Tu deves ter ao teu redor pessoas especiais de tua família que te relatam as coisas que se fazem e o que falam no teu reino.

Sobre o modo de reverenciar os nobres.

Quando estás com teus barões, honra os sábios e àqueles que a teu ver merecem ser honrados: mantenha cada um em seu lugar; convida hoje um, amanhã outro: honra conforme se deve ao próprio lugar de cada um. Que não haja nenhum de seus nobres que não conheça a tua

³⁵ O que falamos em cima, a saber, no capítulo .8., no capítulo sobre o apetite carnal.

generosidade, que para todos fique clara a tua clemência e a nobreza de teu espírito liberal.

Sobre a modéstia, e sobre o riso, sobretudo.

Também é preciso que o rei tenha discrição e continência, e que se abstenha de muito riso, porque o riso freqüente tira a reverência e gera a velhice.

Sobre o lugar da homenagem do rei e dos seus próceres.

Além disso, deves saber que os homens fazem honrar o rei, ou o rei os homens, mais no seu palácio e na sua convivência do que em outro lugar, porque isto é de seu interesse.

Capítulo: 15 sobre a punição das injustos e sobre o trato do rei para com seus súditos, a fim de que estes o amem

Se alguém comete uma injustiça, deve ser punido em conformidade com a qualidade de sua pessoa, a fim de que os outros tenham medo e aprendam de se abster de injustiças; e o nobre e o bem situado deve ser punido de uma forma, de outra o plebeu e o degradado. É bom observar rigor e moderação, para que exista entre o rei e os seus súditos distinção de pessoas. Porque no livro de Esculápio está escrito que é louvável e digno de amor aquele rei que se parece com a águia que domina entre as aves, e não aquele que é semelhante a uma das aves subjugadas. Se, então, alguém no palácio ou na presença da majestade real pretende cometer uma injustiça ou praticar uma ofensa, deve ser levado em consideração com que espírito faz isto, ou num espírito jocoso para te agradar e provocar alegria nos espíritos, ou para desprezo e desonra de tua dignidade. Se for a primeira hipótese, deve ser levemente corrigido; mas se for a segunda, deve morrer.

Sobre a obediência dos súditos a o rei, pela conversão deles a ele.

Ó Alexandre observamos quatro maneiras de dominação (ou de dominador), a saber, na religiosidade, no amor, no espírito cortesão e na reverência. Ó Alexander, vira-te para as almas de teus súditos, tira as injustiças e injúrias deles. Não dá motivo para os homens falarem contra ti, porque o vulgo facilmente fala mal, e quando pode falar com razão, de fato pode fazê-lo facilmente. Conserva-te, então, para que nada se possa dizer contra ti, e assim evitarás que o farão. Além disso, saiba que a discrição da maturidade é a glória da dignidade, e a reverência do senhor é a exaltação do rei e do reino. É a máxima prudência, então, e louvável

providência, que a reverência para contigo habite nos corações dos teus súditos mais do que o amor.

Capítulo: 16 sobre a comparação do rei com a chuva e os ventos e o inverno e o verão.

Lê-se que o rei no seu reino é como a chuva na terra, que é uma graça de Deus, uma benção do céu, vida para a terra, ajuda e fortificação para os seres vivos, porque pela chuva se prepara a viagem para os mercadores³⁶, auxílio e alívio para os construtores. Entretanto, durante as chuvas acontecem trovões no ar e caem raios, os rios enchem, crescem as torrentes, os mares ficam brabos, e muitos outros fenômenos acontecem, que causam o desaparecimento de muitos seres vivos. Contudo, os males que acontecem não impedem que os homens louvem o Deus glorioso na sua majestade, considerando-os como sinais de sua graça, dons de sua misericórdia, porque pela chuva coisas em formação tornam-se vivas, vegetais pululam, e a benção é derramada com toda força. E por isso os homens prestam louvores a Deus, e se esquecem dos males passados que ocorreram.

E o exemplo do rei combina com o exemplo dos ventos, que Deus excelso emite e estende do tesouro de sua misericórdia, e por eles produz a nuvem, e as colheitas crescem, amadurecem as frutas das arvores e renovam as forças quando a água desejada é recebida, é aberto o caminho aos navegantes e muitas outras coisas acontecem. Dos ventos também surgem embaraços e vários perigos, tanto no mar como na terra, dores surgem de fora para dentro dos corações, em tempestades riquezas dos homens são destruídas e dispersas, por eles são geradas alterações do ar, são nutridos venenos mortíferos³⁷ e muitas outras coisas inconvenientes ocorrem. Por isso as criaturas inferiores imploram a clemência do Criador, para que ele tire deles estes males. Este, todavia, sustém que os ventos conduzem e mantêm o curso que lhes destinou, porque sua sapiência destinou todas as coisas a peso igual a certo número e ordem e

³⁶ e sobretudo em terras quentes e em tempo quente a fim de que ajudem mudar os lugares pela mitigação do calor onde quer que seja, ou reforça, somente por causa da navegação.

³⁷ Ou são mandados de regiões envenenadas pela abundância de animais venenosos, como muitas vezes acontece que pó de animais venenosos já mortos é transportado da África pelos ventos para regiões do lado de cá do mar, e de forma semelhante os vapores venenosos são multiplicados por animais venenosos vivos, como Virgílio descreve no 3º canto das *Geórgicas* e que isto acontece muitas vezes afirmam, do mesmo modo, Servo, e Plínio e as Histórias.

determina que elas sirvam aos seus servos. E isto provém de sua imensa misericórdia e inarrável bondade.

Esta parábola existe também em relação ao inverno e ao verão, porque a suma providência estabeleceu de modo inevitável e imutável o frio e o calor visando a geração, propagação e durabilidade das coisas temporais e naturais. Pelo fato de muitas coisas inconvenientes e perigos mortais provirem do frio do inverno e do calor do verão, assim também acontece no caso do rei; muitas coisas vantajosas acostumam provir dele e que desagradam aos seus súditos, e causam mal-estar, embora neles exista a máxima utilidade.

***Capítulo: 17 sobre a ajuda aos doentes
e a providencia do rei contra a fome futura***

Ó Alexandre, procura saber da pobreza e da necessidade das pessoas fracas e miseráveis; ajuda com a tua clemência os mendigos na sua miséria; escolhe homens que conhecem a sua língua e são eloqüentes, que amam a justiça, que podem fazer as suas vezes e reger e amá-los com misericórdia. Nisto reside a observância do rei, a alegria dos homens e o beneplácito do Criador.

Sobre a providencia do rei contra a fome futura.

Ó Alexandre, estoca para ti muitos legumes e grãos que são úteis para o consumo. para que sejam suficientes na sua terra em tempo de fome e indigência, a fim de que – quando isto acontecer, como acostuma ocorrer em anos de fome e escassez - possa a tua providencia ajudar teus homens, e socorrer aos cidadãos em tempo de necessidades.

Esta é a grande cautela, a máxima providência, a fortificação do reino, a salvação do povo, a proteção das cidades. Desta forma a tua lei penetrará, os teus feitos e tua fama prosperarão, e por causa de tua bela providência todos se alegrarão e vivem com confiança. Então, todos sabem que teus olhos enxergam longe.³⁸ Por isso apreciarão a tua clemência e temerão ofender a tua majestade.

³⁸ Isto é: são providentes e prevêm as utilidades do reino contra futuros males.

Capítulo: 18 sobre a misericórdia do rei, que o rei não seja fácil em derramar sangue

Ó Alexandre, várias vezes te aconselhei e agora mesmo te aconselho que guardes a minha doutrina, porque se a observares conseguirás teu objetivo e teu reino terá muita duração. Por isso, não derrama para ti o sangue do gênero humano, porque isto só a Deus pertence, Ele que conhece o que está escondido e os segredos do coração dos homens. Não assume para ti o ofício divino, porque não te é dado conhecer os segredos divinos. Toma, então, cuidado quanto sangue humano podes derramar, porque o egrégio doutor Hermógenes escreveu dizendo: Quando uma criatura mata uma criatura semelhante, por exemplo, o homem um homem, as forças do céu gritarão à divina majestade dizendo ao Senhor: Senhor, o Teu servo quer ser igual a Ti. Quando se mata injustamente, o Criador excelso responde: Que seja, pois, executado aquele que matou, e ele será morto: a Mim pertence a vingança e Eu retribuo.³⁹ E as forças do céu, nos seus louvores, representarão a morte do executado tantas vezes até que a vingança seja tirada do matador, que será um daqueles que permanecerão nas penas eternas.

Capítulo décimo nono sobre a fidelidade que deve ser observada conforme o exemplo dos antigos, e que o rei deve se lembrar das coisas passadas.

Ó Alexandre, fica informado de tudo que acontece: pela experiência aprendeste muitos gêneros de males, restaura para a memória os feitos e anais de teus pais, e discute os atos dos antigos senadores. Daí poderás extrair muitos bons exemplos. Todas as coisas feitas no passado darão documentos seguros no futuro. Não menospreza o menor, porque o menor e o insignificante poderão – como costuma acontecer – chegar a honra e a riquezas, e então serão mais valente e capaz para fazer o mal.

³⁹ Deve ser levado em consideração que Aristóteles e outros grandes filósofos leram o Antigo Testamento e foram ensinados pelos profetas e outros sábios Hebreus; e Aristóteles disse isso depois. Por isso não é de estranhar que aqui aceitou a autoridade de Isaias como também em outro lugar neste livro, e que na filosofia moral aceitou os documentos de Salomão e de outros. Da mesma forma também Platão usou esta frase do *Êxodo*: “Eu sou quem sou”; e Avicena no (livro) .10. da *Metafísica* aceitou a autoridade da Escritura. (O trecho aqui relatado, refere-se a Is 59, 18, mas a citação é de Rm. 12, 19 (Cf. STEELE, o.c. p. 56; NdT)).

Ó imperador clementíssimo, tem cuidado de não quebrar a palavra dada e os tratados firmados, porque isto convém a infieis, jovens e meretrizes. Mantém fielmente a palavra comprometida, porque qualquer infidelidade tem como consequência um resultado infeliz. E se do rompimento de alianças alguma coisa boa surgir, mesmo quando o pretexto é mau, o exemplo será reprovável e do gênero das coisas ruins.

Saiba, assim, que pela palavra dada se faz a união dos homens, a morada das cidades, a comunhão dos homens, o domínio dos reis; pela palavra dada mantém-se as fortificações, as cidades são conservadas, e os reis reinam. Se, então, tiras a palavra dada, todos os homens voltam ao estado anterior, isto é, ao estado de animais irracionais e à semelhança de brutos.

Cuida, então, rei fidelíssimo, de não infringir a palavra dada e guarda firmemente os teus juramentos e tratados, mesmo se forem onerosos. Estás esquecido que, conforme Hermógenes testemunha, são dois os espíritos que te guardam, destes um está à tua direita e outro à tua esquerda, guardando e conhecendo todas as tuas obras, e relatando ao Criador qualquer coisa que discerniste para fazer? De verdade, somente isto te deveria preservar a ti, e a qualquer um, de toda obra desonesta.

Quem te instigou a jurar tão frequentemente? Isto não deve ser feita sem grande necessidade. O rei, pois, se não for muito interpelado e frequentemente requisitado, não deve jurar; não sabes que isto não convém à dignidade real e que, quando juras, diminui a tua honra? Jurar pertence aos súditos e aos servos. Se, por exemplo, quiser saber qual foi a causa da destruição do reino dos Ambasaoyrum e dos Scitas, te responderei que foi em razão de seus reis se utilizarem de juramentos para fraudar e decepcionar os homens, e as cidades próximas, quebrando tratados estabelecidos para a salvação e utilidade do gênero humano. Estes injustos e infieis abusaram de juramentos para subversão dos próximos e por isso a equidade justíssima do Sumo Juiz não conseguia mais sustentá-los.

Ó doutíssimo Alexander, quero que tu saibas que no governo de um império e de um reino existem certos documentos especialíssimos de caráter moral muito apropriados para ti em relação ao governo da tua própria família e do povo comum, mas aqui não é o lugar de tratar deles. Mas, então, eu os te passarei num lugar certo deste livro e serão para ti documentos abreviados, salutares e muito úteis, por cuja observância prosperarás, se o Senhor o conceder.

Capítulo vigésimo que não se deve ficar triste por causa de adversidades passadas, porque não podemos mudá-los, e sobre os estudos ordenados e sabedoria, e sobre a preparação de escolas e estudos.

Não te arrependa de coisas passadas, porque isto é uma atitude de fracos e de mulheres. Mostra probidade, mantém cordialidade, oferece bondade e exerce-a; é nisto que está a proteção do reino e a destruição do inimigo. Ó ilustre imperador, prepara ginásios⁴⁰, funda tuas escolas nas cidades do teu reino, permite⁴¹ e ordena⁴² aos teus homens que ensinem seus filhos as ciências das letras, e façam que estudem as ciências liberais e nobres. E tua providência deve consistir em ajudá-los nas suas necessidades. Da algum premio aos que estudam bem e aproveitam seus estudos, para que desta forma dês aos outros estudantes um exemplo e matéria de cuidar. Escuta os seus pedidos, recebe as suas cartas, e atende-as, louva os que devem ser louvados e recompensa os que devem ser recompensados. Desta maneira estimulas os letrados a espalhar elogios a tua pessoa, e a perpetuar os teus feitos nos escritos; esta maneira de agir é recomendável, esta prudência é digna de louvor. Assim o império é honrado, todo o reino é embelezado, a casa do imperador é iluminada, os anais e os feitos em sua memória são mais bem elaborados. Quem exaltou o reino dos Gregos? Quem louvou para a eternidade as suas realizações pelo mundo inteiro? Isto, com toda certeza, foi feita pela zelo dos estudiosos e pela probidade dos sábios, que amavam sobremaneira as ciências e por isso foram dignos de tais coisas. Realmente, uma moça na casa de seu pai conhecia, por causa de muito estudo, o curso do ano e das estrelas, as festas futuras, as solenidades dos meses, o giro dos planetas, a causa do encurtamento do dia e da noite e do giro dos planetas Plyades e Boetes, a brevidade dos círculos dos dias, os signos das estrelas indicando coisas futuros e a arte das estrelas superiores. Como é feio, então, que famosos e idosos ignoram no estudo coisas que moças eram acostumadas a saber.

⁴⁰ Isto é, locais onde se fazem exercícios, e aqui exercício deve ser entendido como exercício para estudantes e isto será explicado logo.

⁴¹ Ou, promete.

⁴² Veja aqui a admirável sabedoria que os reis antigos promoveram, porque eram instruídos na filosofia, e agora, como Henrique, o filho do rei Guilherme que é chamado “o bastardo” e que costumava dizer ao pai e aos irmãos, “um Rei iletrado é um asno coroado”.

Capítulo: 21 sobre como se precaver contra as mulheres e os venenos e contra toda imundice

Ó Alexandre, nunca confia nas ações e nos serviços das mulheres, para que não te liguês a elas. E se a necessidade o exigir, une-se àquela que acreditas ser fiel a ti e querida, porque quando uma mulher trata tua pessoa, saiba que és quase um empregado e servo para ela, porque a tua vida esta nas mãos dela.

Sobre o cuidado com venenos.

Cuidado, cuidado com os venenos mortíferos, por que os homens não comecem a envenenar de improviso: pois⁴³ é sabido que uma multidão de reis e outros senhores anteciparam o dia de sua morte, e sucumbiram⁴⁴ por causa de poções venenosas.

Ó Alexander, não confia só em um médico: porque um médico é capaz de te prejudicar e com facilidade atreva-se a perpetrar o que é injusto e levar⁴⁵ a efeito um crime. Então, se puder ser feito desta maneira, que sejam dez médicos, não menos, mas faz com que todos convergem em um. E se algum remédio deve ser tomado, não o toma sem o conselho de vários (médicos). E quando matéria medicinal deve ser adquirida, debes ter um homem fiel⁴⁶, que conhece o gênero e as qualidades das espécies, que deve reunir tudo que é necessário na sua composição de acordo com o conselho dos médicos, com peso e medida certa, e que prepara a bebida como se deve.

Ó Alexandre, lembra te de um fato com a rainha da Índia, quando ela te mandou por causa de amizade muitos presentes⁴⁷ e formosos dons, no meio dos quais estava aquela belíssima menina que desde sua infância foi embebida e nutrida com veneno de serpentes, de tal forma que sua natureza se mudou em natureza das serpentes. E se eu naquela hora não tivesse olhado atentamente para ela, e não a tivesse julgada com perícia, observando o fato de ela tão audaz e horrivelmente e sem interrupção fixar o seu olhar descaradamente na face dos homens, não teria, então, descoberto que ela mataria os homens somente com uma mordida ou um

⁴³ Ou, quão grande.

⁴⁴ Diferente: e atribuíram isto.

⁴⁵ A saber: dar veneno.

⁴⁶ Que deve ser um herbário ou apotecário.

⁴⁷ Xennum é uma palavra grega que em todos os livros verdadeiros existe, tanto no texto sacro como na filosofia e no direito; daí quando à primeira sílaba é preposto (a letra) e formando exennia, nada significa e é feito por um bando de pessoas que ignora o grego.

olhar, o que tu provaste depois por experiência. E se não te tivesse mostrado isto, com certeza a tua morte teria ocorrida no calor do coito com ela.

Sobre a imundice da alma.

Ó Alexander, conserva a tua alma nobilíssima, superior e angelical, porque ela te foi dada não para ser desonrada, mas para ser glorificada. Não sê⁴⁸ do gênero e da condição dos imundos⁴⁹, mas do número dos sábios.

Capítulo: 22 sobre a organização da vida pela astronomia

Ó rei mui clemente, se puder ser assim, não te levanta, nem te senta, nem come, nem bebe, e não faz absolutamente nada sem o conselho de um homem perito na arte dos astros. Saiba, porém⁵⁰, com certeza que Deus glorioso nada fez vazio ou ocioso na natureza, mas todas as coisas foram feitas por uma provável certíssima razão. E por este caminho o mui perito doutor nosso Platão conheceu a natureza das partes das coisas compostas a partir das qualidades e das cores contrárias das coisas por meio da comparação⁵¹ na sua geração com as coisas compostas e por meio disto obteve a ciência dos astros⁵² com cauda^{53*}.

Não preste fé às palavras dos insipientes que dizem que a ciência dos planetas é muito difícil e que ninguém pode chegar a ela; eles não sabem o que estão dizendo, porque para a potencia do intelecto nada é difícil e todas as coisas são cognoscíveis no caminho da razão. Outros há, e não são menos insipientes, que dizem que Deus previu e preordenou tudo desde a eternidade; baseados nisto afirmam que não há vantagem em conhecer de antemão as coisas futuras pelo fato que necessariamente acontecerão; o que vale, então, a ciência dos astros? Também estes homens erram feio.

Digo, então, que, embora algumas coisas futuras sejam necessárias, de qualquer forma, se fossem conhecidas, seriam mais facilmente

⁴⁸ Ou, seja.

⁴⁹ Dos espíritos, pois.

⁵⁰ Ou, em todo caso.

⁵¹ De forma diferente, na comparação.

⁵² Sobre ideais e coisas

⁵³ Ou, formados.

* O texto em latim fala de "sideribus comatis", ou que literalmente quer dizer astros cabeludos; interpretamos a expressão como fazendo referência aos cometas. (NT)

suportadas, porque pelo próprio fato de serem por mim conhecidas e percebidas, serão recebidas com previdência e discrição, quando acontecerem, e passarão sem dificuldade e sem dano muito grande. Por exemplo, quando se espera um inverno muito frio, os homens preparam moradias quentes, providenciam roupas, adquirem carvão e lenha, e se premunem de muitas outras coisas, e por isso, à chegada do inverno e do frio, não sofrerão. A mesma coisa fazem na estação quente, quando escapam do calor do verão por meio de comidas e especiarias de coisas frias.

De forma semelhante quando se podem prever anos de fome e indigência, os homens suportam com menor pesar e mais facilmente o tempo de fome e indigência por causa da conservação de cereais e outras coisas. É, portanto, muito útil prever o futuro, porque os homens poderão melhor se afastar dos males quando souberem o que vai acontecer; porque também devem implorar o Destinator excelso com suas preces, para que por sua clemência afaste deles os males futuros e ordene de modo diferente. Pois não predestinou de tal modo, que de alguma forma a sua potência fosse anulada. Por isso, os homens podem suplicar a divina clemência com orações, devoções, preces, jejuns, serviços, sacrifícios, esmolas, e muitas outras coisas boas, implorando perdão do que cometeram, fazendo penitência pelas culpas, e, então é absolutamente verdade⁵⁴ que Deus onipotente afasta deles o que temem e receiam. Mas, voltemos agora ao argumento inicial.

Deve-se saber que a astronomia se divide em três partes, a saber, para a ordenação dos céus e das esferas, e para a disposição dos planetas e divisão dos signos e para sua extensão e sobre os seus movimentos; esta parte da Astronomia é chamada Ciência. A segunda parte trata da qualidade do modo de conhecer o movimento do firmamento, o nascer dos signos acima das coisas empíricas⁵⁵ antes de se fixar sob a Lua⁵⁶ e esta secunda parte é chamada Astronomia ou Ciência dos Juízos. A parte mais digna da astronomia é a ciência sobre as três coisas, a saber, sobre as esferas, os planetas e os signos. Saiba⁵⁷, porém, que os planetas fixas

⁵⁴ Ou, de modo verossímil.

⁵⁵ Outra forma, seres.

⁵⁶ i.e. sob a Lua que está no firmamento.

⁵⁷ Deve se saber que esta parte da Astronomia ainda não foi traduzida, e o tanto fala daqueles astros quanto pode se saber por meio dos instrumentos astronômicos, que aliás são inumeráveis.

são1022, a respeito dos quais te apresentarei, de maneira completa, a minha doutrina⁵⁸ em alguma parte deste livro.

Termina a primeira parte deste livro sobre a variedade e os costumes e o governo dos reis.

(Segue o SS com o famoso *Regime da Saúde*. No terceiro livro trata-se *Das maravilhosas utilidades da natureza da arte e dos costumes*. No quarto são apresentados muitos conselhos *Sobre a escolha dos amigos e dos conselheiros do Rei, baseada em qualidades corporais; e esta ciência chama-se Physionomia*).

Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen

Professor da Universidade Estadual do Ceará e
do Instituto Teológico-Pastoral do Ceará

⁵⁸ Pois, deve se saber que os filósofos infiéis não inventaram esta ciência nem outras partes da Matemática, como a Geometria e a Aritmética, nem outras ciências, mas Deus deu-as aos seus santos e justos Hebreus, de que todos os filósofos infiéis obtiveram os princípios de todas as ciências, como é dito no capítulo primeiro da segunda parte deste livro. Porque Josefo diz, no primeiro livro das *Antiguidades* que Deus deu aos filhos de segunda geração de Adão por meio de Seth viver durante seiscentos nos por causa das gloriosas ciências nas quais se aperfeiçoaram, a saber, Geometria e Astronomia. E Noé e seus filhos e Abraão ensinaram estas ciências depois do dilúvio. Porque Noé e o seu descendente Sem ensinaram Astronomia primeiro em Babilônia, a saber, naquela terra depois do dilúvio, como ensina Albumazar no .6 livro da *Introdução na Astronomia*, e com eles especialmente o primogênito Sem, como é dito no prólogo da *Composição de Astrôlabio* Ptolomeo. E Abraão, conforme o testemunho de Josefo, desceu para Egito e ensinou aos Egípcios Aritmética e Astronomia, é Moisés foi hábil em toda ciência ou sabedoria dos Egípcios, como se diz no sétimo capítulo dos *Atos*, e Salomão filosofou a respeito de todas as coisas, não deixou nenhuma natureza indisciplinada, como diz Josefo no oitavo livro das *Antiguidades* E Moisés ensinou o verdadeiro movimento da Lua e do Sol, e suas conjunções e oposições em função dos sacrifícios da lei, e muitas outras coisas nobres. Por causa disto, não é de se admirar que os filósofos obtivessem, todos eles, as ciências por parte dos Hebreus, como torna se claro e evidente na parte seguinte deste livro, logo no início puderam falar com fundamento certo a respeito da certeza das ciências que os sapientíssimos Hebreus ensinaram, que de Deus receberam todas as ciências, e Ele os deu viver durante muitas centenas de anos, para que as experimentassem.